GRAMÍNEAS (POACEAE) NO CENTRO-OESTE DO BRASIL

Tarciso S. Filgueiras
Instituto de Botânica, Av. Miguel Stéfano 3687, Água Funda, São Paulo, SP
tfilg@uol.com.br

RESUMO - A região central do Brasil apresenta grande diversidade de espécies, destacando-se as gramíneas (Poaceae) como a quarta família mais importante dentre as angiospermas do Cerrado. O presente trabalho aborda vários aspectos sobre estas plantas na região Centro-Oeste, como seu papel ecológico e seu potencial forrageiro e ornamental. Enfatiza-se a necessidade de aumentar as pesquisas sobre o uso de espécies nativas em pastagens e no reflorestamento de áreas degradadas. Investir no estudo das gramíneas do Centro-Oeste significa plantar as cariopses do conhecimento, para colher os grãos da riqueza e da prosperidade, cujos benefícios se estenderão para as gerações dos séculos vindouros.

Palavras-chave: áreas degradadas, forrageira, ornamental, pastagem, reflorestamento, revegetação.

A região central do Brasil está totalmente inserida na província do Cerrado e é notória tanto pela diversidade da vegetação, quanto pela riqueza e diversidade de espécies. As gramíneas (Poaceae) destacam-se como a quarta família mais importante dentre as angiospermas do Cerrado. Se estas plantas ressaltam no contexto da biodiversidade, nada se compara a elas no número de indivíduos. Frequentemente, elas formam sinúsias contínuas, especialmente no campo limpo, cerrado sentido restrito, veredas e campos rupestres, onde dominam, dão forma e feição à paisagem regional.

No Centro-Oeste, as gramíneas desempenham papel de fundamental importância, com destaque para os serviços ambientais, incluindo proteção às nascentes. Praticamente todo olho d'água ou nascente no Cerrado é rodeado por gramíneas que, como novas Oréades, as circundam e as protegem contra a erosão e a dessecação. Outros serviços ecológicos importantes são o provimento de abrigo, proteção, locais de acasalamento e criação dos filhotes para inúmeras espécies animais nativas. Certos pássaros granívoros dependem exclusivamente dos grãos (cariopses) de espécies nativas.

Na região do Pantanal, ocorre elevado número de gramíneas adaptadas aos ambientes alagados. Merecem destaque especial as espécies do gênero *Oryza* L., pelo que representam em termos de uso potencial nos programas de melhoramento do arroz cultivado.

Em todo o Centro-Oeste há também um grande número de espécies com óbvio potencial forrageiro para o gado. De fato, praticamente todas elas, no início da brotação, apresentam algum valor forrageiro, nem que seja como volumoso (enchimento).

Lamentavelmente, pouco ou quase nada tem sido investido na pesquisa em busca de gramíneas forrageiras nativas do Cerrado. Praticamente todo o investimento é feito em torno do material genético importando, especialmente da África, notadamente na classe das braquiárias (*Urochloa* P. Beauv.) e do *Andropogon gayanus* Kunth, além de outras. Tais espécies são tidas como excelentes forrageiras, entretanto apresentam também grande capacidade de se tornarem invasoras. De fato, grande parte da invasão biológica verificada na região, e que tem se revelado tão nociva à biodiversidade nacional, está centrada no escape ao cultivo de segmentos do germoplasma de braquiária e de certo cultivar de *Androgopon gayanus*, que escaparam do cultivo e se tornaram invasoras agressivas, que competem e eliminam a flora herbácea nativa no Centro-Oeste.

Se cerca de cinco por cento do que é atualmente investido na pesquisa com estes elementos exóticos fosse aplicado na pesquisa com gramíneas nativas promissoras, o Brasil, seguramente, já teria cultivares forrageiros disponíveis no mercado obtidos a partir de espécies nativas de *Paspalum* L. e/ou de *Mesosetum* Steud.. Porém, o que se constata é que este significante número de espécies que apresenta claro potencial forrageiro, infelizmente, ainda não recebeu a devida atenção dos pesquisadores nacionais e permanece como recurso a ser explorado.

Quase todas as gramíneas nativas fazem parte da dieta dos herbívoros do Cerrado, desde os grandes mamíferos (capivaras, veados) aos pequenos (ratos, por exemplo), passando por pássaros de grande (emas) e pequeno porte. Os ratos são predadores/dispersores de gramíneas, consumindo tanto folhas quanto cariopses. A literatura também registra a ocorrência de alguns mamíferos e pássaros exclusivos dos tabocais e taquarais (*Guadua* Kunth spp., *Merostachys* Spreng. spp.) nativos no Cerrado. Há, inclusive, um roedor especialista em bambu, o célebre "rataquara", que se alimenta dos colmos jovens do taquaruçu (*Guadua magna* Londoño & Filg.).

É notória a ausência de grandes manadas de herbívoros na fauna brasileira. Estes são a marca registrada das planícies africanas. Para muitos autores, o papel ecológico exercido pelos grandes herbívoros africanos, no Cerrado, é exercido pelos micro-herbívoros, ou seja, os insetos. Há uma grande variedade de guildas que exploram as raízes, folhas, colmos, pólen e grãos das gramíneas nativas.

Um elevado número de espécies apresenta notável potencial ornamental, especialmente para ambientes sombreados de jardins e logradouros públicos. Desse grupo merecem destaque os bambus *Filgueirasia arenicola* (McClure) Guala, *Olyra* L. spp. e *Raddiella esenbeckii* (Steud.) C.E. Calderón & Soderstr. A primeira desta breve lista é também

forrageira muito procurada pelo gado no período da seca. As demais adaptam-se extraordinariamente bem para cultivo em jardins sombreados e vasos, dentro de residências e prédios públicos. Também *Pharus lappulaceus* Aubl., uma gramínea basal, herbácea, encontrada no interior das matas secas, serve para esta mesma finalidade. A contínua produção de cariopses e sua fácil germinação são fatores que a recomendam para o uso sob telado.

Uma janela de oportunidade para o uso de gramíneas nativas se abriu no momento em que a legislação ambiental brasileira proibiu o uso de espécies exóticas para a restauração ecológica de áreas degradadas. A lei exige o uso exclusivo de espécies nativas. A literatura registra um grande número de espécies que podem ser usadas para esta finalidade, mas isto ainda não ocorre, possivelmente porque a iniciativa privada ainda não oferece sementes e mudas de qualidade para uso em escala comercial. Está aqui uma nova e legítima possibilidade para uso sustentável da nossa biodiversidade. É uma possibilidade de negócio que se abre para jovens empreendedores com visão de futuro. Há grande demanda de sementes e mudas de gramíneas nativas, para esta e outras finalidades, porém ainda não há oferta. Este nicho do agronegócio precisa ser rapidamente preenchido pela expertise nacional, antes que uma multinacional da área enxergue esse vazio e, com a rapidez típica dos invasores oportunistas, aqui se instale, ocupe e domine este segmento do mercado.

A Lista da Flora do Brasil, publicada em 2010 (Cria 2010), cita 120 gêneros e 586 espécies de gramíneas para o Centro-Oeste. Como os estudos taxonômicos na área são bastante dinâmicos, estima-se agora a existência de, pelo menos, 600 espécies na região, considerando-se aqui também inúmeras espécies que se reconhecem distintas, porém que ainda não foram formalmente descritas ("espécies novas").

Oito das 12 subfamílias atualmente aceitas para Poaceae têm representantes nativos no Centro-Oeste. Dentre elas, cabe destacar as subfamílias Panicoideae, Chloridoideae, Aristidoideae e Bambusoideae. Quatro gêneros (*Altoparadisium* Filg., Davidse, Zuloaga & Morrone, *Canastra* Morrone, Zuloaga, Davidse & Filg., *Ophiochloa* Filg., Davidse & Zuloaga e *Rheochloa* Filg., P.M. Peterson & Y. Herrera) e cerca de 130 espécies são considerados endêmicos (Filgueiras *et al.* 2012). Mais de 30 táxons são considerados em risco de extinção (Filgueiras *et al.* 2012).

Na região há carência de recursos humanos nas diversas áreas de taxonomia de Poaceae, em seu sentido amplo. Atualmente apenas cinco ou seis profissionais com qualificação acadêmica (nível de doutorado) atuam na região. Embora os cursos de pós-graduação das universidades do Centro-Oeste ofereçam cursos de mestrado e doutorado, constata-se que o número de profissionais qualificados para trabalhar nas diversas áreas da pesquisa enfocando gramíneas é extremamente baixo. Há grupos de excelência atuantes no âmbito das várias universidades da região, entretanto, em vista da enorme tarefa a ser enfrentada, este número precisa ser significativamente ampliado. Atualmente há pesquisa de boa qualidade sendo feito nas áreas de morfologia, anatomia, florística, taxonomia clássica, filogenia, biogeografia, filogeografia e ecologia, em universidades e institutos de pesquisa da região. Recomenda-se aqui o fortalecimento desses grupos e o direcionamento do fomento, com bolsas específicas, para incentivar o estudo das gramíneas, sob todos os aspectos.

Espera-se que, nas próximas décadas, os estudos sobre gramíneas nativas alcancem níveis altos, comparáveis aos dos melhores centros de estudo do mundo. Temos tudo para que isso se torne realidade. Temos as plantas e temos os cérebros. Faltam-nos o aparato tecnológico e o apoio financeiro. A resposta a estes investimentos virá na forma de conhecimentos profundos e relevantes sobre cada elemento da flora graminosa, suas interações ambientais e seu uso sustentável.

Investir no estudo das gramíneas do Centro-Oeste significa plantar as cariopses do conhecimento, para colher os grãos da riqueza e da prosperidade, cujos benefícios se estenderão para as gerações dos séculos vindouros.

AGRADECIMENTOS

"Sou extremamente grato aos colegas da Reserva Ecológica do IBGE, pelo apoio incondicional ao meu trabalho, pela amizade e carinho com que sempre me trataram.".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRIA, Centro de Referência em Informação Ambiental. **Lista de Espécies da Flora do Brasil 2012**. Disponível em 2012 http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012 (Acesso 2012).

Filgueiras, T.S., Longhi-Wagner, H.M., Viana, P.L., Zanin, A., Guglieri, A., Oliveira, R.C. de, Canto-Dorow, T.S., Shirasuna, R.T., Valls, J.F.M., Oliveira, R.P., Rodrigues, R.S., Santos-Gonçalves, A.P., Welker, C.A.D. 2012. *Poaceae in* **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em *<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000193>* Acesso em 3 de outubro de 2012.